

# Briga de vizinhos

» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF  
jornalista (andregustavo10@terra.com.br)

Guerra não tem regras, nem moral. O que importa é vencer e esmagar o inimigo. Vale tudo. Na definição histórica de Clausewitz, é a continuação da política por outros meios. É a negação do diálogo. É o império da violência, momento de glória dos militares ansiosos por colocar em marcha suas máquinas de matar o maior número de pessoas no menor tempo. O grau de crueldade não importa. O mundo já viu bomba atômica sobre Hiroshima, matança de judeus em níveis industriais na Alemanha nazista, morte de civis na Ucrânia e o rigoroso tratamento dispensado pelos que tentam entrar pelo sul dos Estados Unidos.

Exemplos de mortes de civis nas muitas guerras que assolam o planeta são episódios normais, consequências naturais do horror provocado pelo confronto bélico e do êxtase dos militares nacionalistas. Há uma guerra em curso no centro da Europa, coisa inimaginável depois da catástrofe provocada pela guerra na mesma Europa oito décadas atrás. A Ucrânia foi invadida pelos exércitos nazistas e depois pelo exército vermelho. Apanhou nas duas vezes. E apanha mais agora, respirando por aparelhos para manter a esperança de vida independente e democrática.

A história da Palestina é muito antiga, desde a diáspora dos judeus, por volta do ano 70 depois de Cristo. Houve a longa dominação romana naquelas terras, onde se localizam monumentos sagrados das três maiores religiões monoteístas do mundo: muçulmanos, judeus e cristãos. Um pulo na história indica que em 1096, por causa de grave conflito entre muçulmanos e cristãos, a Igreja Católica na Europa organiza a Primeira Cruzada. Tomaram Jerusalém, mas tiveram imensa dificuldade em manter o domínio.

Mas a guerra continuou e ofereceu a oportunidade do surgimento da ordem dos guerreiros monges, que rapidamente se organizou como segurança dos peregrinos. No Natal de 1119, na Igreja do Santo Sepulcro, em Jerusalém, foi criada a Ordem dos Templários, cujo objetivo era manter aberto o caminho para Jerusalém. Essa ordem religiosa ganhou muito dinheiro, descobriu um método para realizar transações bancárias, enviar moedas para outro país, construiu igrejas e



oficiou missas. E se tornou rica e poderosa.

Os Templários se vestiam com uma túnica branca com uma cruz vermelha no peito — a Cruz de Cristo, a mesma que os primeiros navios portugueses ostentavam nas suas velas quando chegaram ao Brasil, mas isso é outra história. Os Templários foram derrotados pelos muçulmanos chefiados por Saladino. E a Ordem foi extinta em 1307 acusada de várias irregularidades. Seu líder, Jacques de Molay, foi queimado vivo em Paris.

Outro pulo na história vai mostrar no fim da Primeira Guerra Mundial o esfarelamento do Império turco-otomano. A área da Palestina, que era administrada pelo império desaparecido, foi entregue ao governo inglês.

Ao longo do Mandato Britânico na Palestina, durante mais de 20 anos, palestinos e judeus conviveram em aparente calma um ao lado do outro, sem maiores conflitos. Com o início da perseguição de judeus na Alemanha de Hitler e nos países ocupados pelos nazistas no Leste Europeu, os perseguidos começaram a sair da Europa. Uns foram para a Inglaterra e de lá para os Estados Unidos. Outros seguiram para a Palestina, para buscar nova vida e lutar pela criação do Estado de Israel.

Havia movimentos nacionalistas palestinos e judeus naquela área. Mas os judeus se organizaram com dinheiro enviados pelos irmãos em todo o mundo e criaram a Haganah, antecessora do Mossad. A Haganah organizou o êxodo de milhares de europeus para o fundo do Mediterrâneo. E influenciou a decisão da ONU, na histórica sessão presidida por Osvaldo Aranha, em 1947, que decidiu pela criação de dois estados, um judeu e outro palestino. Em 1948, Ben Gurion declarou a criação do estado de Israel, que foi imediatamente bombardeado pelos seus vizinhos árabes. Os judeus acataram a decisão da ONU, os árabes, não.

Hoje, os dois lados são governados por partidos extremistas, nenhum deles quer o diálogo. Os que tentaram foram assassinados. Yitzhak Rabin, primeiro-ministro de Israel, em 1995. Anwar Al Sadat, presidente egípcio, em 1981. O Hamas, que é um grupo terrorista, de fundo teocrático, ligada ao Irã, não reconhece a existência de Israel.

A política de Israel é destruir os palestinos, relegando-os a uma existência sub-humana. O resultado é a barbárie. Falta capacidade de diálogo, de perspectiva de entendimento e de alguma razoabilidade nas ações dos dois lados. Resta o recurso da guerra, que é desastroso, horroroso, impiedoso, e não traz benefício a qualquer dos dois lados. É o horror pelo horror. Einstein disse que a Terceira Guerra Mundial será o momento das bombas atômicas. A quarta guerra será realizada com paus e pedras.

## Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

## No princípio era o logos

Em carta enviada a essa coluna, o leitor e amigo Rubi Rodrigues recorda que em 2006, por ocasião da aula magna proferida na Universidade de Regensburg, o então papa Bento XVI chamava a atenção de todos, e, em especial, dos pensadores da Academia da Baviera, para a necessidade da busca pelo desenvolvimento de uma “razão ampliada” ou um “logos” capaz de harmonizar razão e fé.

A questão, diga-se de passagem, não é nova e tem sido debatida desde o século 17, com o surgimento da corrente filosófica do racionalismo, cujo os maiores expoentes foram Descartes, Spinoza e Leibniz, que juntos instigavam as pessoas a duvidarem de todo o conhecimento, dizendo que a razão era a única forma que o ser humano possuiria para alcançar o verdadeiro conhecimento, ou mais simplesmente a verdade.

A propósito, Descartes dizia que “nosso pensamento é imperfeito, mas somente pode ter sido criado por um ser perfeito, que é Deus. Deus sendo perfeito não pode querer nos enganar em relação às nossas sensações, e se as nossas sensações também são verdadeiras, o mundo exterior existe e é conforme nós o sentimos e intuimos.” Era a forma que o filósofo encontrara para afirmar que podia duvidar de tudo, mas, ao menos, teria a certeza de que estava pensando e duvidando. “Sou um ser que duvida, que pensa”, dizia.

Já Ratzinger, um intelectual respeitável e ex-professor da Universidade de Bonn, num tempo em que era comum aos alunos e mestres manterem um estreitamento nas relações acadêmicas de acordo com o próprio espírito das universidades, via com clareza a responsabilidade que a universidade possuía em trabalhar para o reto uso da razão em suas várias dimensões, de forma a tornar esse conhecimento uma experiência viva.

Nesse conjunto de saberes, que não se contrapunham, destacava-se também a faculdade de teologia, que, como todas as outras, não se cansava de interrogar sobre questões como a racionalidade da fé, incluindo essa disciplina no rol do que considerava a “*universitas scientiarum*”.

Para um ambiente em que predominava a dúvida e os questionamentos, próprios da ciência, Ratzinger lembra, nessa aula magna que sua academia nunca fora perturbada, mesmo que se ocupando do trabalho árduo de estreitar a fé e a racionalidade com a discussão sobre a existência de Deus e sua obra. Nesse sentido, o papa e intelectual lembra que: “Mesmo perante um cepticismo tão radical seja necessário e normal interrogar-se sobre Deus através da razão e isso deva ser feito no contexto da tradição da fé cristã: no conjunto da universidade, isto era uma convicção fora de questão”.

Curiosamente, a carta do leitor Rubi, datada de 5 de outubro, foi nos enviada dois dias antes da invasão do grupo terrorista Hamas ao território israelense, ocorrido no sábado, dia 7. Essa espantosa coincidência vem a propósito de uma lembrança feita por Ratzinger nessa aula magna, em que ele cita um diálogo travado, em 1391, pelo imperador bizantino e paleólogo, Manuel II, com um persa culto em cristianismo e islamismo acerca do que chamou da verdade de ambas as religiões.

Nessa discussão sobre as estruturas da fé de ambas as crenças e seus métodos próprios de levar adiante os ensinamentos de Deus. Para o imperador de bizâncio e dentro daquelas circunstâncias temporais em que o diálogo se deu, o monarca não aceitava as condições pouco racionais e desumanas impostas pela doutrina da Jihad, ou guerra santa, defendida pelo Islã.

Naquela ocasião, o imperador teria dito: “Mostra-me também o que Maomé trouxe de novo, e encontrarás apenas coisas más e desumanas, como a sua ordem de difundir através da espada a fé que ele pregava”. Para ele, a difusão da fé pela violência era irracional, pois a violência estaria em oposição à natureza de Deus e da alma. “Deus não se apraz com o sangue.” A fé, disse Manuel II, é fruto da alma, não do corpo. Por conseguinte, quem quiser levar alguém à fé precisa da capacidade de falar bem e de raciocinar corretamente, e não da violência e da ameaça. ... Para convencer uma alma racional, não é necessário dispor nem do próprio braço, nem de instrumentos para ferir, nem de qualquer outro meio com o qual se possa ameaçar de morte uma pessoa...”

Em outras palavras, é preciso agir segundo a razão e o entendimento humano de que Deus proporcionou à sua criação. O que no dizer do evangelho de João “no princípio, era o logos, e o logos é Deus”.

## Estratégia Nacional de Economia de Impacto: unindo forças para um futuro justo, inclusivo e regenerativo

» RODRIGO ROLLEMBERG

Secretário de Economia Verde, Descarbonização e Bioindústria do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços — MDIC

Em 19 de outubro, o Brasil instalará o Comitê da Enimpecto — Estratégia Nacional de Economia de Impacto. Esse comitê consultivo tem uma missão clara: propor, monitorar, avaliar e articular a implementação da Enimpecto, uma iniciativa que busca reinventar a forma como abordamos os desafios econômicos, sociais e ambientais que afetam nossa nação.

Nossa cerimônia de abertura contará com a presença ilustre do Prêmio Nobel da Paz Muhammad Yunus, renomado por sua revolução nas microfinanças por meio da criação do Banco Grameen, que se destacou ao desenvolver políticas de microcrédito para pequenos empreendedores, sobretudo mulheres. Recentemente, Yunus lançou o livro *Um Mundo de Três Zeros: Zero Pobreza, Zero Desemprego, Zero Emissões de Gases de Efeito Estufa*.

A Enimpecto nasceu a partir do Decreto nº 11.646, assinado pelo presidente Lula, e é resultado da iniciativa do vice-presidente e ministro Geraldo Alckmin. Ela reúne 26 órgãos do governo federal, 26 representantes da sociedade civil e do setor privado, sendo presidida pela Secretaria de Economia Verde, Descarbonização e Bioindústria do MDIC.

A colaboração entre governo, empreendedores e investidores de impacto desempenha um papel crucial na superação de desafios sociais e ambientais, gerando melhores resultados públicos. Empresas de impacto investem recursos que aprimoram políticas públicas, ao mesmo tempo que estimulam o surgimento de novos mercados.

A economia de impacto, o núcleo da Enimpecto, é uma modalidade econômica que busca equilibrar a busca por resultados financeiros com a promoção de soluções para desafios sociais e ambientais. Ela se baseia

em empreendimentos que geram impacto socioambiental positivo, visando a regeneração, a restauração e a renovação de recursos naturais, ao mesmo tempo que promove a inclusão de comunidades, contribuindo para um sistema econômico mais inclusivo, equitativo e regenerativo.

Essa abordagem da economia de impacto está alinhada com os objetivos de desenvolvimento sustentável estabelecidos na agenda 20-30 das Nações Unidas. No entanto, esses objetivos ainda parecem distantes de serem alcançados, o que torna a Enimpecto ainda mais crucial em nosso contexto atual.

A Estratégia Nacional de Economia de Impacto se baseia em cinco objetivos fundamentais.

Ampliar a oferta de capital: para viabilizar negócios de impacto, é fundamental garantir financiamento adequado, com o intuito de fortalecer empreendimentos comprometidos com o bem-estar social e ambiental.

Aumentar a quantidade de negócios de impacto: promover o crescimento e a disseminação de negócios que priorizam o impacto positivo em paralelo aos ganhos financeiros é fundamental para alcançar uma transformação significativa.

Fortalecer as organizações intermediárias: universidades e institutos de pesquisa desempenham um papel crucial na inovação e pesquisa de soluções. A Enimpecto busca fortalecer essas organizações como catalisadoras de mudanças positivas.

Promover um ambiente institucional e normativo favorável: para estimular o crescimento da economia de impacto, é crucial estabelecer regulamentações e políticas que apoiem e incentivem esses empreendimentos.

Promover a articulação interfederativa: a

colaboração entre governo federal, estados e municípios é essencial para criar uma rede unificada que promova a economia de impacto e responda aos desafios locais de forma eficaz.

Nos últimos anos, problemas sociais e ambientais agravaram-se significativamente devido às mudanças climáticas e ao aumento da desigualdade social. Eventos climáticos extremos, como a seca histórica na Amazônia e as enchentes no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, causaram sofrimento a milhares de famílias. Esses eventos servem de lembrete claro de que é imperativo reformular nossos modelos de negócios.

A economia de impacto oferece uma resposta a esses desafios, incentivando a inovação em prol do desenvolvimento de práticas mais sustentáveis. Por meio da agricultura regenerativa, reflorestamento de áreas desmatadas e desenvolvimento de soluções inteligentes para moradias, cidades e transporte, podemos transformar desafios em oportunidades.

A Estratégia Nacional de Economia de Impacto e o compromisso com a colaboração entre empreendedores, investidores e governos de todos os níveis estão pavimentando o caminho para uma transformação significativa. O desafio agora é garantir que essa visão se torne cada vez mais hegemônica, com o comprometimento político de nossas lideranças e a apropriação de recursos necessários para concretizar essa agenda transformadora.

Juntos, podemos construir um futuro no qual a prosperidade esteja intrinsecamente ligada ao bem-estar de nossa sociedade e de nosso planeta. O futuro está diante de nós, e a economia de impacto é a chave para desbloquear seu pleno potencial.

### » A frase que foi pronunciada

“Nunca no campo do conflito humano tantos deveram tanto a tão poucos.”

Winston Churchill

### Conhece?

» Parece implicância. Mas se a música mais executada no Brasil nos últimos 10 anos é *Ex mai love*, seria natural que a publicidade viesse da assessoria da Gaby Amarantos. No lugar disso, quem divulga é o Ecad.

### Sem base

» Uma das combinações por trás das cortinas é divulgar números absurdos de mulheres que praticam aborto no Brasil. Faltam números precisos e transparentes. Dados assistenciais estão somente disponíveis para o setor público e dados de mortalidade dependem de investigação do óbito. Difícil acreditar que, no Brasil, cerca de 800 mil mulheres praticam abortos todos os anos. E que dessas, 200 mil recorrem ao SUS para tratar as sequelas de procedimentos malfeitos. A mesma Organização Mundial da Saúde (OMS), que dizia nada adiantar usar máscaras durante a covid, aponta que o número de abortos pode ultrapassar um milhão de mulheres.

### Obras

» Moradores do Lago Norte esperam que o estrago feito no asfalto do primeiro retorno seja resolvido em breve. Que se estenda em mais faixas, que se instale um semáforo, que se transforme em jardim. Mas deixar como está é um absurdo.

### » História de Brasília

*E por falar em justiça, está-se destacando o desembargador Colombo de Sousa, por suas medidas de benefício geral. Primeiro, o casamento gratuito, e, agora, punição para os que utilizam cheques sem fundos. (Publicada em 24.03.1962)*